

## MACUNAÍMA E A IDENTIDADE BRASILEIRA

MARIA EDUARDA TAVARES DUTRA<sup>1</sup>; ÉDIO RANIERE DA SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– mariatavaresdutra@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas– edioraniere@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Em 1928, Mário de Andrade publicou "Macunaíma: o herói sem nenhum caráter", um livro que apresenta um anti-herói desonesto, hipersexualizado e preguiçoso. O protagonista, negro, percorre o Brasil em desventuras com seus irmãos Jiguê e Manaape. O filme "Macunaíma" (1969), dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, popularizou a história ao trazer a estética revolucionária, linguagem subversiva e representação visual à obra.

Macunaíma coloca em questão a narrativa romântica, característica da geração anterior, onde milhares de processos de subjetivação foram reduzidos e idealizados em torno do conceito de Identidade Brasileira. A violência deste conceito, que chega aos dias de hoje em pleno funcionamento, opera em boa medida a partir de uma representação dos povos indígenas e negros como "os outros", "os selvagens", "os primitivos".

O nome Macunaíma remonta a um mito ancestral das tribos Taulipang e Akeruna, registrado pelo antropólogo alemão Koch-Grunberg. O mito descreve Makunaima como uma entidade mágica responsável pela criação de cenários naturais, desprovida de noções cristãs de moralidade.

Mário de Andrade não apenas questiona a identidade brasileira, mas também critica a sociedade e os valores eurocêntricos da época. O romance apresenta elementos folclóricos, palavras indígenas e uma linguagem crítica ao parnasianismo. Macunaíma agencia os extremos presentes no Brasil, como a natureza e a metrópole, o mágico e o mecânico, o branco e o negro. O protagonista atravessa diferentes estados brasileiros, interagindo com seres mágicos, monstros e pessoas comuns, em busca do muiiraquitã perdido.

Este trabalho busca, portanto, na obra Macunaíma, de Mário de Andrade, por pistas para elaboração de uma crítica ao colonialismo que forjou a noção de identidade brasileira.

### 2. METODOLOGIA

Para realização deste trabalho, foram feitas pesquisas sobre a origem do mito Makunaima, iniciando com o mapeamento geográfico do Rio Uraricoera/RR - mencionado por Mário de Andrade como local de nascimento do protagonista-, mapeamento e estudo dos povos indígenas situados nos arredores, com foco nos povos Tapayuna e Yanomami, e leituras críticas sobre a obra literária Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. Foram desenvolvidas colagens referenciais com fotografias retiradas do site Povos Indígenas no Brasil, plataforma mantida pelo Instituto Socioambiental do Brasil (ISA), que nortearam a construção de retratos, feitos a mão, com materiais comuns. Simbolismos referentes ao livro e aspectos

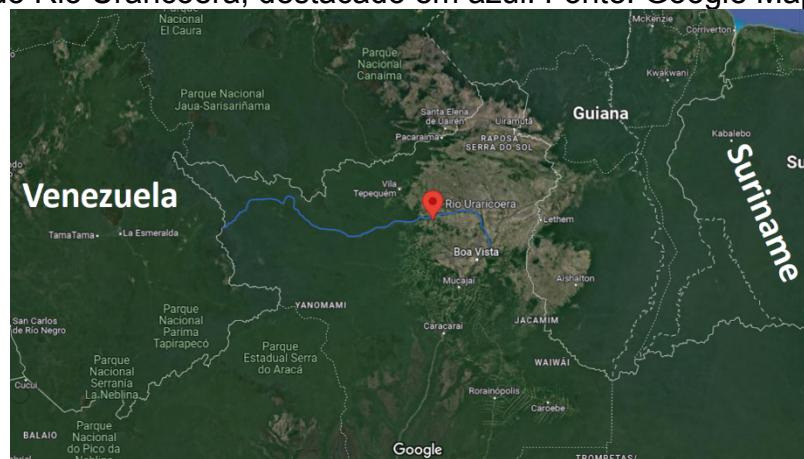
estéticos ligados às tradições dos povos indígenas citados (pinturas, adereços e traços fenotípicos) foram representados nos retratos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entidade Makunaima, como mapeou o antropólogo alemão Theodore Koch-Grunberg em sua obra “Do Roraima ao Orinoco”, é uma propriedade intelectual do imaginário indígena brasileiro e venezuelano. É dito que andou por toda a região onde vivem os povos estudados (Makuxí, Taulipáng, Yekuaná e Guinaú), portanto, é inútil tentar delimitar um único local como a origem deste, pois ele é reflexo da cultura oral e itinerante destes povos indígenas. Macunaíma, personagem de Mário de Andrade, não é diferente. No livro cita que o herói nasceu próximo ao rio Uraricoera, que percorre o estado de Roraima, e era filho de uma índia tapanhuma.

O termo “Tapanhuma” não mostrou levar a muitos registros, Tapayuna, no entanto, sim. Esse povo, natural do Mato Grosso, viveu juntamente com outras tribos, devido a tentativas de genocídio que os forçaram a sair de suas terras, o que ocasionou uma diminuição significativa da população tapayuna, bem como a diluição de seu dialeto com os dialetos das tribos anfitriãs. Além de sua mãe ser dita tapanhumas, Macunaíma é descrito como negro retinto e de aparência desagradável, o que pode ser associado à descrição do padre italiano Nicoláo Badariotti, que registrou sua estadia no MT, onde ele define a tribo Tapanhumas como indivíduos negros e hostis, que urravam agressivamente. (Badariotti, 1898)

Mapa do Rio Uraricoera, destacado em azul. Fonte: Google Maps. 2023



Ao considerarmos, no entanto, o local geográfico que Macunaíma nasce, ele seria natural de Roraima (BR), em algum sítio próximo ao Rio Uraricoera. O rio, que atravessa boa parte do estado, não nos oferece uma localização exata, mas oferece possibilidades, uma delas sendo o povo Yanomami, que vive na região oeste do estado. Por proximidade geográfica, existe grande possibilidade de que Macunaíma e os irmãos fossem parte dos Yanomami, povo cujas feições possuem características comuns ao fenótipo preto, característica comum ao povo Tapayuna.

Respectivamente: Ci, a mãe do mato/Manaape, o feiticeiro/ Macunaíma, o herói sem nenhum caráter/Jiguê, o gigolô de prostitutas. Fonte: acervo pessoal, 2023.



#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa, ancorada pela localização geográfica e pela história dos povos indígenas mencionados na obra, permitiu compreender e contextualizar a diversidade étnica e cultural presente na construção do personagem.

Do ponto de vista histórico-cultural, promoveu-se a valorização e o reconhecimento da herança cultural desses povos, desafiando visões preconceituosas e eurocêtricas, incitando uma reflexão sobre a importância da diversidade étnica e cultural na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, além de resgatar e preservar a memória ancestral presente em sua história e tradições.

A criação dos retratos dos personagens Macunaíma, Ci, Manaape e Jigüê representa uma forma de dar visibilidade e representatividade aos povos originários, por meio da arte. A arte se tornou uma ferramenta de construção e reconhecimento da diversidade étnica e cultural do país, rompendo com estereótipos e contribuindo para o fortalecimento da autoestima e do orgulho das comunidades indígenas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU, A. e X, D. Macunaíma em quadrinhos. São Paulo: Peirópolis, 2016.

AMARAL, T. O batizado de Macunaíma. 1956. original de arte, óleo sobre tela, 132.5 cm x 250 cm Coleção particular.

ANDRADE, M. Macunaíma. O herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987

BADARIOTTI, Nicolas. Exploração no norte do Mato Grosso, região do Alto Paraguay e planalto dos Parecis. Apontamentos de História Natural. Ethnographia e impressões pelo padre salesiano. SP. 1898.

BESSA, F. R. A identidade nacional desvelada em Macunaíma: análise da adaptação cinematográfica de Joaquim Pedro de Andrade. 2017. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

FREITAS, R. O. DE .; MATOS, L. M. DE .. Macunaíma em quadrinhos: aspectos estéticos modernistas na rapsódia gráfico-visual antropofágica. Galáxia (São Paulo), n. Galáxia (São Paulo), 2019 (40), p. 159–176, jan. 2019.

MACUNAÍMA. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Produção: Joaquim Pedro de Andrade e K.M. Eckstein. Intérpretes: Grande Otelo, Paulo José, Jardel Filho, Dina Sfat, Milton Gonçalves, Rodolfo Arena, Joana Fomm e outros. Roteiro: Joaquim Pedro de Andrade e Mário de Andrade. [S. l.]: Bretz Filmes, 1969. 1 DVD (105 min.)

MAGALHÃES, L.G., RIBEIRO, A.M., & CANEDO, V.A. (2012). Macunaíma: um discurso de ressignificação da identidade nacional brasileira à luz do pós-colonial.

LOPEZ, T. A. O Macunaíma de Mário De Andrade nas Páginas de Koch-Grünberg. Manuscritica: Revista de Crítica Genética, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177732>. Acesso em: 21 mar. 2023.

Instituto Socioambiental | Povos Indígenas no Brasil  
<https://pib.socioambiental.org>. Acesso em: 20/03/2023.